

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



denominação
Fazenda Água Quente

código
AVI - FO6 - Can

localização
a partir da estação ferroviária de Euclidelândia, no prolongamento da estrada vicinal que segue a Rua João Gerk

município
Cantagalo

época de construção
século XIX

estado de conservação
detalhamento no corpo da ficha

uso atual / original
fazenda de gado / fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma

proprietário
particular



Fazenda Água Quente, casa-sede

coordenador / data **Luanda Jucyelle N. de Oliveira – set 2010**

equipe **Luanda Jucyelle N. de Oliveira, Luiz Fernando Dutra Folly, Lilian Elma Lima Barretto e Vanessa C. Melnixenco**

histórico **Luanda Jucyelle N. de Oliveira**

revisão / data
Thalita Fonseca – out 2010

O percurso em busca da Fazenda Água Quente, em Euclidelândia – atual 3º distrito do município de Cantagalo – tem como ponto de partida Nova Friburgo, e segue praticamente o mesmo caminho que os colonizadores no século XIX fizeram em busca do lugar mais apropriado para a cultura do café.

Assim, a RJ-116 conduz ao município de Cordeiro e, a partir daí, segue-se pela RJ-160 até a bifurcação da Fazenda Aldeia, já no município de Cantagalo, onde é necessário tomar a RJ-152 até o distrito de Euclidelândia. Em todo o percurso, bem sinalizado com placas indicando os destinos e asfalto em excelente estado, encontram-se terrenos com morros em formato de meias laranças, alguns encobertos por cafezais e outros com marcas de erosão e sinais do esgotamento do solo (f01 e f02).

Já na entrada de Euclidelândia, à direita da RJ-152, está a Estação Férrea de Euclidelândia, originalmente Estação de Santa Rita, construída entre 1876 e 1878 (f03). A partir da estação, segue-se pela Rua João Gerk, cujo prolongamento leva a uma estrada vicinal não pavimentada, com aproximadamente 8 km de extensão, que margeia uma paisagem bastante acidentada, com elevações de topo arredondado e declives variando de 30° a 40°, no trecho conhecido como as Serras de Água Quente.

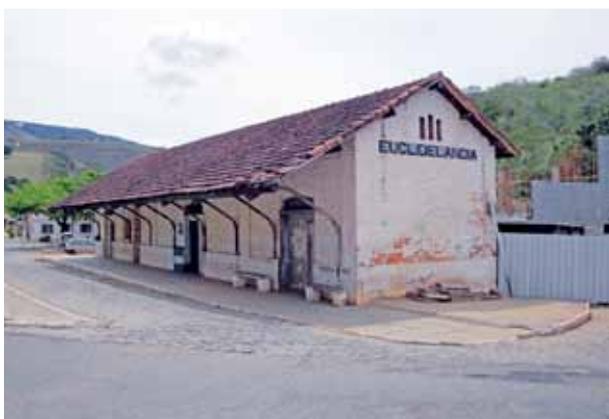
Num vale descortina-se, por trás de uma frondosa alfarrobeira, a antiga casa-sede da Fazenda Água Quente (f04), uma construção térrea das primeiras décadas do século XIX, cercada por montes nos quais se encontra o que restou do renque de bambus gigantes (*Dendrocalamus giganteus*), vestígio da delimitação original da propriedade (f05).



01



02



03



04



05

As cercas de bambus gigantes foram utilizadas pelo barão de Nova Friburgo em suas propriedades, tanto para delimitação como para barreira de vento.

Seguindo nessa estrada, é possível encontrar as ruínas da casa de máquinas, a nascente e os vestígios de encaixe do mecanismo da roda d'água (f06), até chegar à porteira que dá acesso à propriedade (f07): seguindo em frente, na margem oposta da estrada, encontra-se o antigo armazém (f08).

Atravessando a porteira estão a casa-sede e as demais edificações que compõem a propriedade – ou o que restou delas –, distribuídas em torno do que seriam os antigos terreiros de café¹. A sede está situada em centro de vale, em lugar de destaque em relação ao sítio, e os terreiros de café, por sua vez, localizam-se junto à porteira, um de cada lado, com formato retangular e compoem uma alameda à frente da sede da fazenda.

Ainda é possível encontrar vestígios do calçamento com pedras irregulares dispostas em desenho de escamas de peixe. A senzala situa-se atrás da sede – ao lado esquerdo e um pouco recuada – e as demais edificações, ao longo da borda do terreiro (f09).



06



07



08



09

¹Esta disposição também se repete nas demais propriedades da família Clemente Pinto.

A Fazenda Água Quente surpreende com sua sede (f10). Uma edificação térrea sobre porão que, por influência e intercâmbio da Corte que procurava imitar modelos urbanos, segue a tendência da época e apresenta características do estilo neoclássico, com ênfase especial para o portal – com ombreiras e verga em arco abatido (f11).



10



11

Além de escada de embasamento – que dá acesso à entrada principal da casa (f12, f13 e f14) –, seteiras – pequenas aberturas retangulares no embasamento como solução para evitar umidade na base das paredes (f15) – e capitéis sugeridos sobre as pilastras dos cunhais, todos em cantaria (f16).



12



13



14



15



16

As paredes externas estruturais e de vedação são em alvenaria de pedra, e apresentam numerosas janelas com vergas retas, ombreiras, peitoril e pestanas, com fechamento duplo em folhas de abrir (f17). As folhas externas apresentam vidraças e as internas são postigos cegos almofadados (f18).

As folhas da porta principal são em madeira almofadadas, e as demais, em reguado de madeira maciça encaixadas segundo o sistema macho e fêmea (f19).

Todo o conjunto apresenta grande extensão frontal e é composto por três volumes com telhados de várias águas, ora encoberto por platibanda, ora aparente. Um solar retangular, com telhado encoberto por platibanda, aloja os setores social e íntimo; ao seu lado, duas outras edificações recuadas, ambas térreas – uma de cada lado (ver f17).

O bloco do lado esquerdo aloja o setor de serviço (f20). Na platibanda, observam-se – neste trecho do telhado – duas aberturas, as trapeiras, destinadas a ventilar e iluminar os ambientes para onde se abrem.



17



18



19



20



21

Ali, a platibanda é arrematada com cimalthas de argamassa (f21) e também com painéis lisos separados por pilastras e encimadas por elementos decorativos (f22).

Espaçadamente, acima da cimaltha, encontram-se algumas telhas de bica para escoamento da água da calha que corre paralela à fachada por trás da platibanda (f23).

O bloco do lado direito, com telhado aparente de três águas e cumeeira paralela às fachada frontal, abriga a casa do administrador e a administração da fazenda (f24 e f25). O encontro do bloco central com os laterais recuados forma um pátio posterior, descoberto e com fechamento feito por uma colonata encimada por platibanda (f26).



22



23



24



25



26

Observando-se o telhado a partir do pátio posterior, notam-se vestígios do entelhamento à mourisca (f27) que consiste em faixas espaçadas apenas de bicas assentadas com argamassa por cima do telhado para reforço, amarração contra o escorregamento das telhas, captação da água do telhado de cima ou para servir de passarela para trânsito de operários; é possível perceber também o acabamento com bica e sub-beira, assentados em cimalha simples (f28).



27



28

Os beirais são assentados sobre cimalkhas de argamassa aplicada sobre a alvenaria, ou em cachorros de madeira sobre pilares também de madeira.

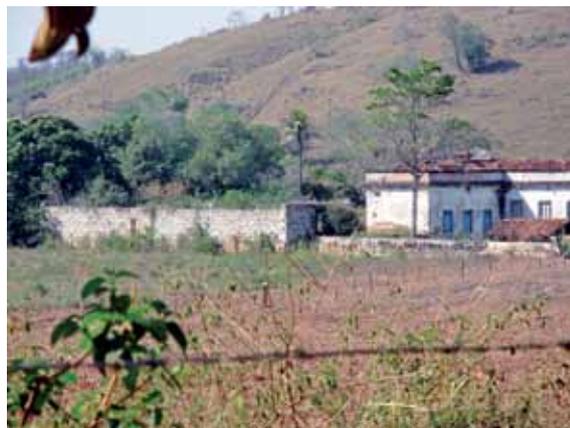
Com relação às demais edificações que compunham o complexo da fazenda, observa-se que a senzala (f29 e f30) e os armazéns (f31 e f32) foram ambos erguidos em alvenaria de pedra.

No armazém, os vãos das portas são demarcados com vergas retas e ombreiras em madeira, com detalhe para os capitéis sugeridos sobre as pilastras dos cunhais, em cantaria (f33).

A mureta que recebe a porteira e contorna o núcleo central da fazenda também foi estruturada com alvenaria de pedra, cujo trecho próximo à entrada da propriedade foi recoberto com argamassa de acabamento (f34 e f35). O bloco que abrigava os demais equipamentos apresenta estrutura de alvenaria de pedra com técnica mista, com trecho em pedra e barro e em tijolos de adobe; apresenta, ainda, telhado colonial aparente. Finalizando as ruínas, há ainda trechos de muros e a casa de máquinas da roda d'água em alvenaria de pedra seca, além de trechos do sistema de calhas que conduziã a água da roda d'água para o abastecimento das outras edificações em cantaria (f36 e f37).



29



30



31



32



33



34



35



36



37

A estância é uma propriedade privada que, após sucessivos retalhamentos, não apresenta mais seu perímetro original. O núcleo central, que mantém o nome e as principais edificações que constavam na propriedade, é utilizado como área de pastagem para o gado, com mato e grama, em mal estado de conservação e em total aparência de abandono (f38, f39 e f40).

O armazém hoje é utilizado como curral, e apresenta sua alvenaria de vedação e seus acabamentos de pedra íntegros e em regular estado de conservação; as vergas e ombreiras em madeira, que definem os vãos das portas, estão castigados pelo desgaste do tempo. Vários destes vãos foram fechados recentemente com alvenaria de tijolos. Não há nessa edificação qualquer vestígio da cobertura original e, para adaptação ao novo uso, internamente foi feita nova divisão dos vãos com alvenaria e coberturas com telhas de amianto (ver f31).

A casa-sede, em aparente estado de abandono, externamente mantém sua integridade, apesar dos problemas acarretados pelo desgaste do tempo e intempéries: a pintura da alvenaria e das esquadrias está em mal estado, já exibindo a base em madeira (f41, f42, f43 e f44). Há presença de vegetação nas linhas da cimalha que emolduram a platibanda (f45).

As vergas, ombreiras e peitoris das janelas, em madeira, também já se encontram em processo de degradação; apenas duas janelas na fachada lateral direita e as esquadrias – janelas e portas – no pátio posterior mantêm as respectivas pestanas (f46).



38



39



40



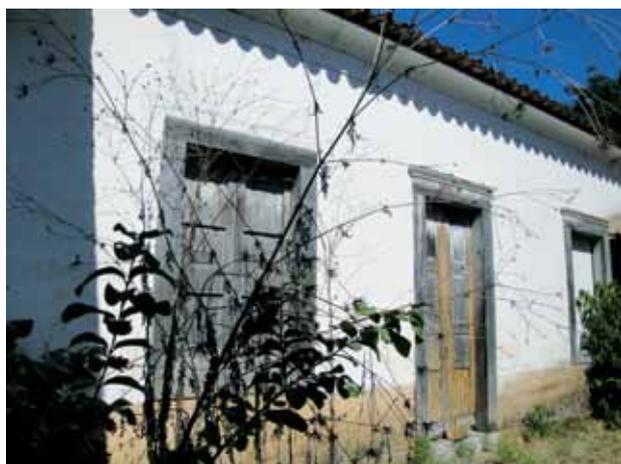
41



42



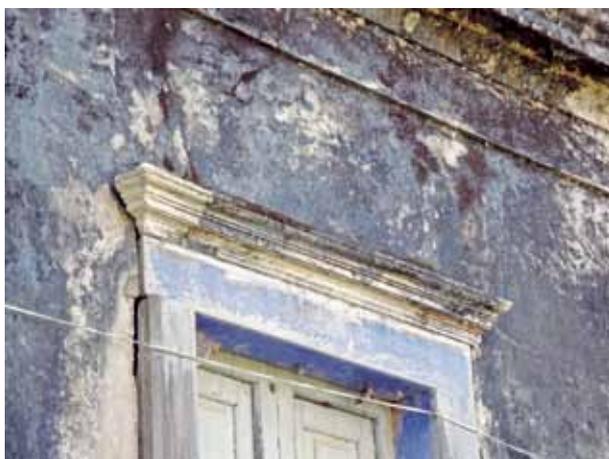
43



44



45



46

As folhas das janelas e portas almofadadas acompanham o mal estado geral de conservação: apresentam ausência de seus elementos componentes, e as folhas reguadas, também desgastadas pelo tempo e intempéries, apresentam falhas e sinais de ataque de cupim. Tais vãos são fechados com grandes chapas de telhas ou madeiras fixadas internamente na vertical. Já as folhas com caixilhos de vidro mantêm apenas as molduras, com pouquíssimos vidros inteiros nas janelas da fachada posterior (f47, f48 e f49).

Quanto à cobertura, mantém-se o telhado original sem problemas estruturais. Observa-se, no entanto, principalmente no pátio posterior, a ausência das telhas de bica que formavam o entelhamento à mourisca, sendo mantida apenas a argamassa utilizada para assentar tais telhas. Internamente, a atual proprietária relatou que foi feita reforma e redistribuição dos ambientes: as paredes de pau a pique foram substituídas por paredes de alvenaria e os forros e assoalhos de madeira – em peroba, segundo a mesma – foram substituídos por laje. Não há mais nenhum mobiliário original na fazenda.

A senzala, assim como o armazém, mantém a integridade da sua alvenaria de pedra e ali não há vestígios da cobertura original. Tal edificação se encontra abandonada e seu acesso é dificultado pelo mato alto e pelo terreno em charco ao redor.

O conjunto formado pelas demais edificações está em avançado estado de arruinamento (f50). Os terreiros e caminhos ao redor das edificações se acham cobertos pela vegetação.



47



48



49

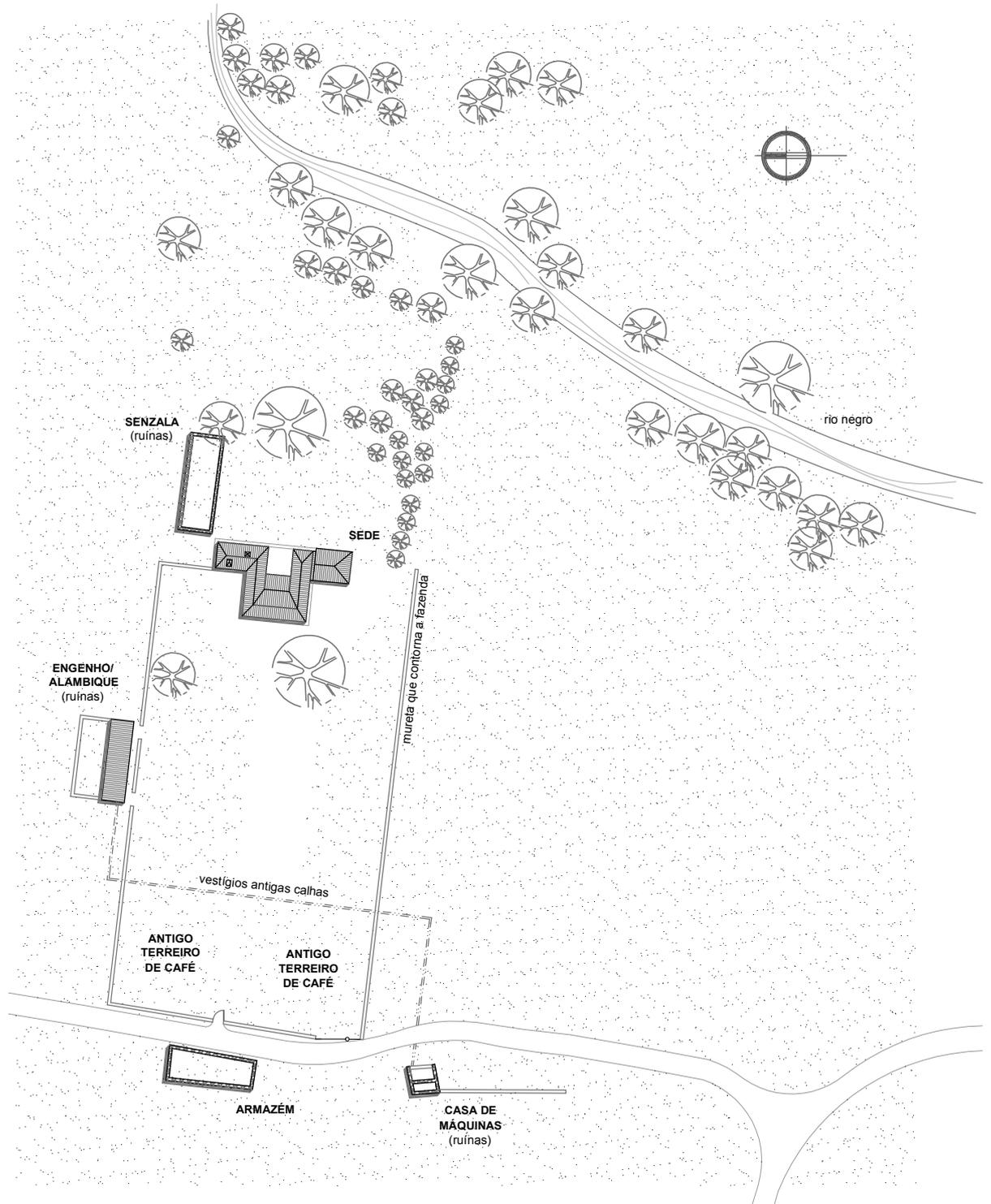


50

FAZENDA ÁGUA QUENTE

Observações:

- 1. A roda d'água localizava-se na casa de máquinas.

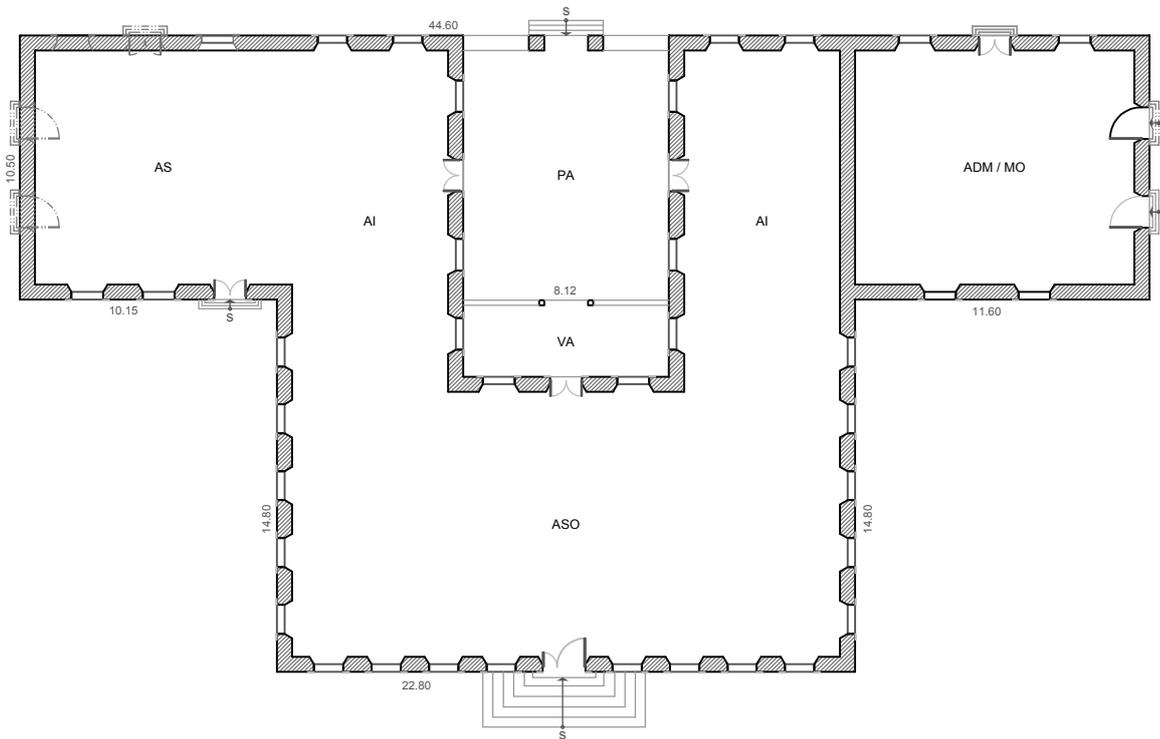


1 Implantação
escala: 1/2000

FAZENDA ÁGUA QUENTE

Observações:

1. Devido à impossibilidade de medição interna da sede, as divisões dos ambientes foram lançadas de forma setorizada;
2. A moradia registrada destina-se ao administrador da fazenda.



1 Planta Baixa da Sede
escala: 1/300

ADM - administração	AS - área de utilização de serviço	MO - moradia	VA - varanda	alvenaria existente
AI - área de utilização íntima	ASO - área de utilização social	PA - pátio		alvenaria demolida

A Fazenda Água Quente² e sua casa-sede foram construídas nas primeiras décadas do século XIX por uma família de colonos suíços. Uma avaliação e descrição da Fazenda Água Quente foi feita no levantamento de bens do barão e baronesa de Nova Friburgo, solicitado pelos então barão de São Clemente e Dr. Bernardo Clemente Pinto Sobrinho, filhos legítimos, únicos, universais e herdeiros para partilha amigável dos bens, em 1873. Nele, da fazenda então situada na freguesia Santa Rita, município de Cantagalo, avaliavam-se a casa de fazenda, a mobília e utensílios domésticos e rurais, os escravos – 134 unidades – e os gados ali existentes. Antônio Clemente Pinto, barão de Nova Friburgo, português de nascimento, veio para o Brasil em 1807, com 12 anos. Dedicando-se ao comércio de escravos na cidade do Rio de Janeiro, acumulou uma grande fortuna. Diversificando seus investimentos, dirigiu-se à Região Serrana por volta de 1820, ocupando-se da lavoura e mais tarde da comercialização do café, vindo a se tornar dono de 16 fazendas e de outros 27 imóveis urbanos entre os municípios de Nova Friburgo, Cantagalo e Rio de Janeiro.

Em razão de optar por técnicas modernas em suas construções e produção, suas propriedades rurais eram pioneiras e dotadas do que existia de mais sofisticado em termos de beneficiamento do café no século XIX. É importante ressaltar, ainda, o entrelaçamento existente entre as propriedades pertencentes a este núcleo e seus familiares contemporâneos, já que as fazendas funcionavam por uma administração única como uma empresa. Na partilha de bens, ocorrida em 1873, o filho mais novo do casal, Bernardo Clemente Pinto Sobrinho, que viria a se tornar 2º barão, visconde e conde de Nova Friburgo, herdou a Fazenda Água Quente.

As transformações ocorridas nas últimas décadas do século XIX (a Lei Áurea, em 1888, a Proclamação da República, em 1889, o “encilhamento”, em 1890, e o próprio esgotamento do solo – em função do sistema geralmente adotado nas plantações de café) foram decisivas para a desordem financeira que atingiu a família. Nesse contexto, para saldar dívidas e em tentativas de reorganização financeira, muitas das propriedades que pertenciam a Bernardo foram vendidas nas duas primeiras décadas do século XX, muitas delas “de porteiros fechadas” e por preços mínimos.

Com o tempo, as sedes passaram a novos donos e as plantações de café morreram em função do abandono. Por fim, as propriedades foram divididas por heranças e desmembramentos – em loteamentos ou subdivisões em sítios menores, ou ainda, em partes sendo agrupadas a outras propriedades.

A Fazenda Água Quente passou por diversos donos e desmembramentos por heranças, até chegar aos senhores Macuco e Galdino do Valle, que a venderam à família da atual proprietária. Seus avós adquiriram a fazenda na segunda metade do século XX, e já não encontraram vestígios de maquinário ou mobiliário original. A propriedade foi, por um tempo, produtora de cana-de-açúcar, período no qual tinha um grande alambique e modernos engenhos. Atualmente, destina-se à criação de gado.

Bibliografia

FOLLY, Luiz Fernando Dutra; OLIVEIRA, Luanda Jucyelle N. de; FARIA, Aura Maria Ribeiro (colab.). *Barão do Nova Friburgo: impressões, feitos e encontros*. Rio de Janeiro: UFRJ / EBA, 2010.

RIO DE JANEIRO. *Levantamento dos bens dos 1ºs Barões de Nova Friburgo*. Rio de Janeiro, maio. 1873. 31 p. Mimeografado. (acervo Pró-Memória de Nova Friburgo).

VASCONCELLOS, Silvio de. *Arquitetura no Brasil: sistemas construtivos*. 5ª ed. revista. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1979.

²Segundo relatos da atual proprietária.